



Mário Abrantes

# Viva a República!

Na cidade do Porto, no dia 31 de janeiro de 1891, pela primeira vez teve lugar uma tentativa de acabar com a monarquia e proclamar a república em Portugal. O ambiente insurrecional que já se vinha vivendo desde o ano anterior, pontificado pela prisão do estudante coimbrão António José de Almeida (que veio depois a ser presidente da República) por calúnias ao rei, desembocou num corajoso levantamento militar liderado fundamentalmente por sargentos e praças e que teve como causa próxima a revolta contra a submissão portuguesa ao ultimato inglês sobre a posse dos territórios africanos colonizados, transformando-se quase de forma instantânea numa revolta contra a monarquia. Uma bandeira vermelha e verde foi hasteada no Município, a Portuguesa foi cantada e a República foi proclamada por Alves da Veiga. A Guarda Municipal acabou com a revolta, os revoltosos foram capturados, presos e condenados, e a Portuguesa foi proibida.

Vários outros pequenos golpes republicanos se sucederam contra uma monarquia decadente e desgastada, contra o domínio político de dois partidos alternantes e corruptos, depois contra a ditadura de João Franco, e depois abertamente contra o rei, culminando com o assassinato de D. Carlos no início do ano de 1908.

Finalmente, a partir de 3 de outubro, com um comando civil que integrava Afonso Costa, João Chagas e António José de Almeida, e a iniciativa e o papel decisivo de muitos soldados e marinheiros sem oposição dos seus camaradas de armas e perante a prática passividade das hierarquias militares, a revolta republicana definitiva aconteceu em Portugal, e a República foi proclamada nos Paços do Concelho de Lisboa no dia 5 de outubro de 1910, após um ensaio proclamatório nos Paços do Concelho de Loures no dia anterior, por uma Junta Revolucionária. Passam agora 113 anos sobre essa data.

Um governo provisório chefiado por Teófilo Braga decretou de imediato a separação entre a Igreja e o Estado, reconheceu o direito à greve, reformulou as leis da imprensa, extinguiu os títulos da nobreza, concedeu autonomia às colónias, instituiu a proteção às crianças e aos idosos, institucionalizou o divórcio, legalizou o casamento civil e a igualdade de direitos no casamento e legalizou os filhos naturais.

Todo esse cenário que agora se comemora lembra aos mais atentos e alerta os mais distraídos para o que de bom e progressista, sempre com a iniciativa e a participação

populares decisivas, tanto diretamente como por intermédio dos seus filhos engajados nas fileiras militares, a história escreveu para este país em 5 de outubro de 1910, mas também em 25 de abril de 1974.

Nesta outra data, cujo cinquentenário se comemora em 2024, também os militares e o povo tiveram um papel decisivo. Tratou-se de uma rebelião golpista de militares de baixa patente, de forte pendão progressista, a que o povo aderiu em massa e transformou numa autêntica e constitucionalmente legitimada revolução. A governação provisória viu-se forçada a recuperar e reformular por decreto muito do que já a 1ª República decretara e além disso pulou e avançou muito mais, tendo em conta os novos tempos.

Tudo isto porque o fascismo existiu em Portugal durante 48 anos, desde 1926, acabou na prática com a República e as suas conquistas progressistas, instaurou uma ditadura que oprimiu todo um povo, condenando-o à miséria material e cultural prolongadas, e explorou desalmadamente os povos das colónias para benefício exclusivo de sete grandes grupos económicos.

Suporta muito e por muito tempo, é certo, mas quando se cansa da opressão, da exploração e das injustiças sociais, o povo sempre se levanta e faz a história seguir em frente...



Victor-Hugo Forjaz \*

# Meloas e Centralidades

1 - Fiquei “varado” com a entrevista do Professor universitário Monteiro da Silva, publicada no Correio dos Açores, há poucos dias. Um docente duma universidade, especialmente nas ilhas açorianas, tem responsabilidades acrescidas nomeadamente quando está próximo do topo da carreira (que felizmente não alcançou...). Um Professor Doutor, mesmo optando por um zigzaguear estonteante (vinda para S. Miguel, depois Macau, depois S. Miguel, depois Lisboa, depois S. Miguel), sempre na mira dum cargozinho governamental, pode deixar boas memórias aos alunos, mas também as pode perder num ápice.

2 - É o que pode ter acontecido com essa entrevista de 2 páginas. Considerar que todas as ilhas são centrais (sic) é um novo conceito monteirístico difícil de engolir. Todas as ilhas?? Ilha a ilha?? Diria que é mesmo uma barbaridade.

3 - Considerar que as meloas de Sta. Maria e da Graciosa devem ser exemplos de cabotagem, como o naviozito do Pareces, é outra originalidade do dito docente universitário. As poucas empresas de carga marítima que operam nos Açores sabem o que fazem e o que irão fazer. Basta uma delas ser Bensaúde, uma máquina de fazer dinheiro inteligentemente, sem amadorismos... No tempo dos Bensaúdes, os navios Lima, Carvalho Araújo, Cedros, Arnel, etc. eram certinhos como “relógios suíços”. Não falhavam.

4 - A entrevista do Sr. João Paz tem muito interesse porque revela uma faceta do entrevistado, ou seja, as tristemente célebres “birrinhas” do Professor, ou seja, os demoníacos “não, não e não” ou os abreviados “sim, sim, mas é assim”! Monteiro da Silva foi meu patrão na empresa geotérmica SOGEO, sendo eu o residente Diretor Técnico. Aturei muitas birrinhas. Uma das primeiras consistiu em mandar serrar um enorme penedo de basalto e, ali eternizar o seu nome, como se estivéssemos com o querido líder da Coreia do Norte. Seguiram-se muitas outras que tenho registadas em álbum dos Marretas.

A última birrinha foi o fabuloso negócio da SOGEO (a que me opus, naturalmente) com a Universidade local – Fundação Gaspar Frutuoso. Esse negócio, lesivo para

a SOGEO, consumou-se. A negociata seguinte consistiu em essa empresa do grupo EDA encher o CIVISA (da UAÇ) de écrans, de computadores e de impressoras que deliciam os visitantes pouco letrados naquilo a que os nossos antepassados chamavam de “ciências ocultas” (a vulcanologia, a sismologia, a climatologia, etc.). Realmente, o CIVISA soube-se equipar e dar um salto qualitativo notável e evidente. Se isso sucedeu nas áreas da sismologia e fluidos, a petrologia e a cristalografia foram descuidadas, existindo equipamento, no piso térreo, no anexo propositadamente construído. É o MIMA ou Museu de Instrumentos Modernos dos Açores, uma designação minha que deixava o reitor Vasco Garcia ainda mais avariado. Aliás o ex-reitor Garcia, como se suspeita é o cripto-reitor da Universidade do Açores...

5 - Assinei a minha sentença de saída da SOGEO nessas reuniões cabalísticas - 3 Administradores.

(Monteiro da Silva, Carlos Bicudo e Urubu Teixeira, este o que foi depois para a SATA aprender a administrar aviões...) contra um Diretor Técnico (eu...) da carreira universitária.

Fui despedido poucos dias a seguir, por carta transportada por segurança duma empresa exterior à SOGEO, tendo-me o funcionário dito, nervosamente, que teria de sair até as 17 horas. Deixei atrás mapas, textos e estudos -- alguns já os tinha fotocopiado, por norma. O chefe Monteiro da Silva não teve a coragem para me chamar e comunicar. E, Bicudo ficou sozinho no parreiral com todas as fatalidades que se seguiram. A explosão do poço geotérmico RG4 (gravíssima e ainda grave...) e a paragem da central geotérmica do Pico Vermelho eternizam, entre mais 6, a triste gestão posterior.

Foi a última “birrinha” do Prof. Monteiro da Silva comigo -- “não, não, e mesmo não!”

O governo socialista de Carlos César manteve -se neutral, a posição mais comodista, como Pilatos...